

A PRESENÇA DE MIKOYAN CAUSOU MAL-ESTAR AO GOVERNO MEXICANO

1232 O Globo - 8/12/59

MÉXICO, dezembro (De Rubem Braga, pela Real Aerovias) — Não consegui uma entrevista exclusiva com Mikoyan, mas tive dois contatos com ele, e em ambos pude fazer perguntas e ouvir respostas. No que interessa ao nosso Brasil, eis o que disse o homem número 2 da União Soviética: Econômica do Governo brasileiro. Não podia, por tanto, dizer qualquer coisa sobre as negociações, mais vivo desejo de estreitar relações comerciais com o Brasil e com os demais países da América Latina.

— A Rússia forneceu à Índia recursos para a montagem de uma grande usina siderúrgica, proporcionando material e assistência técnica. Prazo de pagamento — dez anos. Juros — 2 por cento ao ano. A Argentina abriu créditos no valor de 100 milhões de dólares para desenvolvimento da indústria petrolífera. Negócios idênticos pode o Governo da U.R.S.S. fazer com o Brasil.

— Se a Exposição Soviética de Ciência, Técnica e Cultura ora no México irá ao Brasil? Não tem conhecimento de negociações nesse sentido. Afirma, porém, que a U.R.S.S. mandará com prazer sua mostra a qualquer país que se interessar em vê-la.

— A U.R.S.S. veria com o maior simpatia um reatamento de suas relações diplomáticas com o Brasil. Sua política internacional é no sentido de ter relações com todos os povos, pois acredita que todos devem-se unir no interesse mútuo de assegurar a paz do mundo.

— Se os povos de economia subdesenvolvida da América Latina podem alcançar sua independência econômica sem abrir mão de seus regimes democráticos e através de uma evolução pacífica? Não só podem como já estão alcançando. "O México é o melhor exemplo disto. Converse alguém com esses jovens engenheiros da Pemex (monopólio estatal do petróleo) ou da siderurgia mexicana, e verá que eles sabem o que querem e o que podem, e estão trabalhando intensamente para dar bases sólidas à economia de seu país".

O Homem

Estamos, uns trinta jornalistas, reunidos em um salão da Embaixada russa no México, e no alto de uma escada aparece Anastas Ivanovich Mikoyan em companhia de um intérprete e alguns funcionários da Embaixada.

É um homem moreno, retaco, com uma cabeceira à Edward Robinson. Tem uma ampla testa, os cabelos mais negros do que grisalhos, o nariz grande e curvo, enérgico e meio torto, com uma verruga na ponta, encimando um bigode um pouco maior que o de Hitler e também escuro. O maxilar inferior dá uma base forte a essa cara, e o queixo, um pouco proeminente, tem uma cova no centro. Sua fisionomia mostra inteligência e energia. Os olhos não têm dureza nenhuma; são, antes, sonhadores, mas, no decorrer da conversa, podem mover-se com agilidade e malícia. Está formalmente bem vestido, com um terno escuro e uma gravata prateada, mas opaca; com essa mesma roupa irá, logo depois da entrevista coletiva, à recepção que lhe oferece o Governo mexicano no Palácio do Ministério das Relações Exteriores. Suas mãos são poderosas, muito grandes para o tamanho de seu corpo; quando diz uma frase mais enérgica, elas batem ao mesmo tempo na mesa, em um gesto sem violência, mas seguro.

Anastas Mikoyan fez aqui no México seu 64.º aniversário, no dia 25 de novembro, em que inverteu a dezena de seu nascimento (1895-1959). É armênio ("tenho sangue de negociante") nascido em Sanaim, na província de Tiflis, e fez todo o curso do Seminário Teológico, mas em vez de vestir a batinha entrou para a Revolução: em 1917, com 22 anos, é secretário do Partido em Baku. Lutou na guerra civil, teve um irmão fuzilado e ele mesmo foi condenado à morte.

Esse bolchevique da velha guarda faz parte do Politburo desde 1926 e desde 1934 tem sido ministro de alguma coisa — de Comércio Interno ou Externo, Abastecimento, Indústrias, Agricultura, Pecuária; em 1937 foi nomeado Vice-Presidente do Conselho de Ministros. Tem fama de sagaz e sarcástico e era dos raros homens que oustavam criticar — em termos — os erros de Stalin.

"Meu Amigo Stalin Errou..."

"O provocador é o parceiro da História" — disse Illia Eremburgo — e é também o animador das entrevistas coletivas. Cada um dos jornalistas presentes formula a sua pergunta, e a entrevista vai correndo quase banal quando um rapazinho magro, que tem algumas folhas de papel na mão, faz sinal de querer falar. Levanta-se de sua cadeira, posta-se no meio do corredor entre as poltronas, e suas mãos que seguram os papéis tremem.

Lê uma série de perguntas sem dar tempo a que o interrompam. São perguntas irônicas. Por que os russos não veneram mais a memória do nosso paizinho Stalin, o genial condutor de povos? E por que não podemos contar mais com o gênio revolucionário desses grandes homens que são Molotov, Béria, Kaganovich, Malenkov, Chepilov etc., etc.?

Mikoyan ouve com atenção as palavras do tradutor e depois explica, sorrindo, que talvez não possa responder a todas as perguntas, pois são muitas, o seu tempo é escasso, e assim prejudicaria o direito de outros jornalistas fazerem perguntas — o que não lhe parece democrático.

Diz que foi amigo de Stalin, e sempre o respeitou e estimou como a um grande chefe. "Com ele aprendi muito, e sempre gozei de sua confiança e de sua amizade". Mas — acentua — com o passar dos anos Stalin começou a cometer erros sobre erros, e alguns da maior gravidade. "Eu e outros membros do Governo e do Partido procuramos muitas vezes corrigir esses erros, mas Stalin assumira uma autoridade incontestável e implacável. Quando chegou o momento em que pudemos dizer isso ao povo, por que não fazê-lo? Tínhamos de denunciar os males causados pelo culto da personalidade, rever os erros e apontar os crimes, recuperar a confiança das massas no Partido, criar um novo clima de auto-crítica e de franqueza. O povo nos compreendeu. Os prisioneiros políticos foram libertados: hoje na Rússia não existe um só prêsso político. Khrushchev não vive encerrado no Kremlin: tem, como nós todos, contatos repetidos com todos os setores da população, e por isso mesmo conquistou a confiança do povo. Não se trata de transferir para ele o "culto à personalidade". O que acontece é que ele é um homem que realmente tem personalidade, como demonstrou durante sua visita aos Estados Unidos. Revimos a política stalinista em todos os setores, desde a organização da indústria



Mikoyan visto por um desenhista mexicano

até à democracia interna do Partido e o tratamento das nacionalidades. Os companheiros que não puderam adaptar-se a esse novo clima tiveram certamente de ser afastados ou de ser aproveitados em postos de menor responsabilidade".

Elevação do Nível de Vida

"Estamos procurando elevar o nível de vida do povo sem sacrificar o progresso de nossa economia. A partir de 1960 a jornada de trabalho será reduzida a 7 horas para todos os operários e empregados, e a 6 para os mineiros ou para aqueles que têm tarefas insalubres. A partir de 1964 introduziremos gradualmente a semana de 35 horas de trabalho, ao mesmo tempo em que iremos aumentando os salários reais. Nos últimos anos a média do salário anual dos operários e empregados aumentou de 28%, enquanto que os índices dos preços das mercadorias foram de 76 em 1958, tomando como 100 o nível de 1950. Isso não nos impede de ganhar terreno em nossa emulação pacífica com os Estados Unidos, cujo nível de produção não tardaremos a atingir e superar".

Visita Incômoda

A certa altura os membros do Governo mexicano não se preocupavam em disfarçar um certo mal-estar causado pelas atitudes de Mikoyan. Em todas as cidades e fábricas que visitou ele falou com abundância e fez propaganda aberta do regime soviético, embora afirmando respeitar o regime e as idéias dos mexicanos. ("Se eu fosse mexicano seria do Partido Revolucionário Institucional" — disse ele, citando o nome do partido do Governo, sem se preocupar com a tristeza que isso possa ter levado à alma dos comunistas locais). Visitando um "ejido" (fazenda coletiva), disse que o lema de Zapata, "Terra e Liberdade", foi o mesmo que o animou a ingressar nas fileiras da Revolução Russa. Cumprimentava e trocava apertos de mão com todos os operários que encontrava, e sempre fazia questão de atribuir todos os êxitos do Governo russo ao regime socialista — até mesmo os "sputniki" e "luniki".

Mas não era isso que incomodava os homens do Governo — e sim os ataques que volta-e-meia, depois de afirmar sua crença na "coexistência pacífica", o visitante fazia aos Estados Unidos. Eisenhower esteve aqui este ano, no belo Hotel José Marquez, de Acapulco, e o Presidente López Mateos visitou os Estados Unidos com uma acolhida excepcionalmente cordial. O Governo mexicano está em excelentes termos com o americano, a ponto de, embora as afirmações em contrário, como as que fez a este repórter o Chanceler Tella, haver quem atribua a isso uma certa frieza sua em relação à OPA.

Está claro que nessas condições as "piadas" repetidas de Mikoyan contra a grande potência do Norte constrangiam as autoridades mexicanas. Teriam estas feito sentir isso ao visitante? Creio que não. Mas a imprensa mexicana — que é toda praticamente uma expressão do pensamento oficial — não poupou ataques ao visitante a propósito dessas manifestações antiamericanas com que ele procurava lisonjear o sentimento nacionalista dos mexicanos.

De um modo ou de outro, o fato é que, nos seus últimos dias de México, o Sr. Mikoyan não fez mais nenhuma referência aos Estados Unidos.

Fotografia

Depois da entrevista coletiva, o Sr. Mikoyan foi para o Ministério das Relações Exteriores — e o repórter também. Tive ali oportunidade de conversar com ele e com o Chanceler Tello durante cerca de dez minutos e foi então que obtive com mais precisão suas respostas às minhas perguntas a respeito das relações Brasil-U.R.S.S., que referi no começo desta reportagem.

O Sr. Mikoyan foi extremamente cordial com o jornalista brasileiro, mas não ousei me demorar mais tempo a seu lado, pois ele e o Ministro Tella estavam junto à porta recebendo os convidados. Antes de retirar-me, e depois de combinar a coisa com um fotógrafo, pedi ao Sr. Mikoyan permissão para ser fotografado a seu lado, para documentar o encontro. Quando o intérprete traduziu meu pedido ele fez um gesto curioso, abrindo as palmas das mãos e falando muito sério — mas notei que o intérprete sorria.

— O Sr. Mikoyan disse que ele acha que isso não poderá lhe causar nenhum mal.

Mas no dia seguinte o fotógrafo Murguía, de "Novedades", me telefonava para dizer que sua máquina tinha um enguiço qualquer, é a fotografia não saíra aproveitável.